

Aves inspiradoras de manifestações artísticas

ISSN 1981-8874



João Baptista de Moraes Canto¹

“Eu sou o pássaro diurno e noturno!

O pássaro misto de carne e lenda,

Encarregado de levar o alimento da poesia e da música

Aos habitantes da estrada, do arranha-céu e da nuvem.

Eu sou o pássaro feito homem,

Que vive no meio de vós.”

(Murilo Mendes)

O presente trabalho visou levantar as manifestações artísticas que expressas de diferentes formas - música, literatura (poesia e prosa), dança, escultura, desenho, folclore -, apresentam como tema, ou parte integrante deste, aves, entre essas os pássaros. As manifestações artísticas, assim coletadas, fazem parte dos elementos que compõem o Patrimônio Cultural enquanto abrangente da cultura e representações do povo brasileiro. A pesquisa abarcou grande parte das aves, tendo como marco as aves denominadoras de logradouros públicos do município de São Paulo e municípios da Grande São Paulo.

Objetivos

- Inventariar as manifestações artísticas, incluindo a literatura – poesia e prosa, canções, danças, escultura e folclore, que dizem respeito a aves no Brasil.
- Levantar os autores, compositores, letristas e intérpretes dessas manifestações artísticas, especificamente no que tange às músicas.
- Listar os nomes das poesias, poemas e respectivos autores.
- Destacar contribuições importantes de brasileiros nas mais variadas manifestações artísticas, bem como seu meritório legado.

As aves e as inspirações artísticas

Todos sabem quanto é rica e variada a avifauna brasileira. Além dos nomes comuns e sempre na boca do povo, as aves, às vezes, são conhecidas por nomes curiosos e sempre exerceram um fascínio muito grande nas pessoas. Surgiram ao longo do tempo inúmeras composições musicais que consagraram muitos cantores e compositores, como é o caso, por exemplo, de “Asa Branca”, “Azulão”, “Bem-te-vi” e “Sabiá”. Poetas de grande renome dedicaram sua atenção e inspiração a muitas aves, entre essas os pássaros, como sabiá, patativa, rouxinol e outros.

Indumentárias

Os registros históricos dão conta, por exemplo, de que as penas do tucano, ave de rara beleza, serviram à confecção do manto de D. Pedro I, primeiro Imperador do Brasil.

Mais tarde: “D. Pedro II exibia-se com sua murça de penas de Tucano e de certo modo, legitimava a tropicalização dos costumes monárquicos.” (Schwarcz 2010).

Nos desenhos, gravuras e pinturas

Cabe aqui um recorte na história do Brasil e nesta pesquisa: o período do Brasil holandês e sua contribuição (1624 a 1654).

O Conde de Nassau – governador das possessões holandesas – homem culto que era, cercou-se de naturalistas e pintores que trabalharam durante a ocupação holandesa no nordeste brasileiro nesse período colonial. Juntos muito contribuíram para o desenho das ciências naturais como um todo e em particular das aves.

Merecem particular citação os primeiros desenhos de aves ao longo dos séculos. Estes surgiram na área da zoologia. Em 1648 é publicado um livro que se tornou célebre - “História Natural do Brasil” – primeira fonte brasileira de História Natural que se fez acompanhar por desenhos. A autoria pertence a Guilherme Piso (1611-1678), médico, e a George Marcgrave (1610-1644). Ao que consta a primeira parte foi elaborada por Piso abordando aspectos gerais da região onde estiveram (ar, água, doenças endêmicas, venenos etc.). Já a segunda parte feita por Marcgrave aborda a flora e a fauna. A obra subdividida em temas tem como quinto foco os pássaros. É magnífica a coleção de aquarelas em que são representadas inúmeras espécies da fauna. Marcgrave figurou diversos animais bem como os descreveu durante todo o tempo em que permaneceu na região brasileira. As expedições em que ambos participaram se dirigiram às regiões onde estão os atuais estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Os primeiros desenhos que serviram de ilustrações na parte das aves foram 54 gravuras da obra publicada em Amsterdã, em 1648.

Faziam parte do acervo deixado por Marcgrave e artistas da Corte de Nassau, além da impressa, pinturas a óleo sobre papel, alguns guaches, desenhos em nanquim e *crayons* atribuídos a Albert Eckhout (1610-1665), Zacharias Wagener (1614-1668) e ao próprio Marcgrave.

A respeito de Albert Eckhout, sabe-se que num período aproximado de dez anos esteve a serviço dos príncipes eleitores da Saxônia: Johann Georg I, eleitor no período de 1611-1656 e Johann Georg II, eleitor entre 1656-1680. Eckhout produziu então obras decorativas e quadros diversos que infelizmente teve uma parte destruída por conta de um bombardeio ocorrido em Dresden no ano de 1945. A outra parte dos quadros e obras forma um conjunto importante – cerca de 80 óleos de aves tropicais – que adorna o teto da sala principal do Castelo de Hoflössnit, construído em Radebeul. É importante destacar que esses quadros mostram íntima relação com as iconografias elaboradas por Eckhout no Brasil (Teixeira 2009).

Em “Albert Eckhout: Visões do paraíso selvagem” – obra completa de autoria de Rebecca Parker Brienen vamos encontrar um capítulo sobre as obras reconhecidas. Esta categoria abrange apenas aqueles desenhos e pinturas inquestionavelmente executados pelo artista Albert Eckhout, obras essas que foram assinadas ou que apresentem características de seu estilo e consistência temática. A definição deste grupo é baseada no consenso acadêmico e em estudo aprofundado sobre as imagens (Brienen 2010). A autora também afirma que as aves nessas obras relacionam-se intimamente com os desenhos brasileiros de Eckhout reunidos no *Theatrum Rerum* e hoje conservadas em Cracóvia (Brienen 2010).

Posteriormente ao período do Brasil Holandês, na segunda metade do século XVIII, um médico português radicado na Bahia de nome Francisco Antônio Sampaio descreveu e ilustrou com figuras espécies existentes do reino vegetal (1782) e animal (1789). Francisco Antônio Sampaio fez suas observações da avifauna na Vila Cachoeira, atual cidade do mesmo nome distante 116 km da capital Salvador, estado da Bahia. As 44 espécies descritas e figuradas eram provenientes das capoeiras, roças e ambientes aquáticos.

Na última década do século XVIII, Manuel Arruda da Câmara (1752-1810), voltando ao nordeste para estudos científicos, acabou por construir uma iconografia da fauna e flora regional, composta de 82 ilustrações. Porém alguns pássaros não foram identificados com precisão, ou tiveram limites até a “família”. Corretamente identificados foram cinco pássaros.

Ainda nesses tempos, surge Alexandre Rodrigues Ferreira, considerado por Vanzolini o segundo precursor dos naturalistas no Brasil. Ferreira, nascido em Salvador em 27 de abril de 1756, falecido em Lisboa em 23 de abril de 1815 foi o encarregado de chefiar, indicado que foi pela Universidade de Coimbra, uma expedição ao Brasil. Ferreira já havia obtido o título de doutor em ciências naturais. Radicou-se em Belém do Pará no 2º semestre de 1783. Durante os sete anos de peregrinação “Alexandre coletava e mandava desenhar animais por seus dois riscadores, José Joaquim Freire e Joaquim José Codina, ambos razoavelmente competentes” (Vanzolini 1996).

Em 1815, Louis Choris (1795-1828), ucraniano, pintor e desenhista esteve na Ilha de Santa Catarina, entre 11 e 28 de dezembro desse ano e deixou menção alusiva à arara-canindé. Assim escreveu: “Entre os habitantes do ar, uma das mais belas dessas regiões é a arara-azul, cuja parte inferior do corpo é amarela de ouro puro...”. Tal registro foi publicado em 1826 numa obra do autor e veio acompanhado de desenho (Choris 1826, Straube 2011:77).

Em 1816, no nordeste brasileiro surgiu William Swainson (1789-1855), zoólogo, ornitólogo e artista, mais especificamente no Recife. Empreendeu diversas viagens na região atingindo Alagoas, através do Rio São Francisco. Pouco depois atinge a Bahia para em 1818 chegar ao Rio de Janeiro, realizando a coleta de aves, insetos e plantas. Mas Swainson era excelente desenhista e deixou além da coleção de aves magnífica iconografia: *Birds of Brazil* (Carvalho 1915).

Trabalho a ser destacado, nos anos de 1854-1856, pertenceu a João Teodoro Descourtilz (1796-1855), médico, naturalista e pintor sobre ornitologia e aves do Brasil. Deixou: “*Ornithologie Brésilienne ou Histoire des Oiseaux du Bresil, remarquables par leur plumage, leur chant ou leurs habitudes*”. Descourtilz, francês, veio a falecer em Riacho, município de Santa Cruz, hoje Aracruz (Espírito Santo). Foi considerado um especializado em iconografia ornitológica.

Nos dias de hoje destaca-se um pintor naturalista, especializado em ilustrações da nossa fauna e flora, seu nome é Eduardo Parentoni Brettas, bem como Tomas Sigrist pintor com estilo próprio e ilustrador.

Ainda, contemporâneo, Caulos, humorista e cartunista fez o sabiá migrar dos versos saudosistas para a denúncia ecológica, no grafismo leve e tocante do exílio de sua própria palmeira.

Outros pintores, também contemporâneos: Rosiane Gouvêa, Joacilei Lemos Cardoso, Etienne Demonte, Carlos Almeida, Geraldo França Júnior, Renata Cunha, Mário Arthur Favretto, Claudia Lambert, José Merézio Júnior, Rafael Antunes Dias, Vanda Roxo, Vitor Torga Lombardi, entre outros.

Na música

Fartas, longas e pródigas são as manifestações musicais quando se trata de homenagear as aves. Citações, lembranças e referências não faltaram e não faltam ao repertório de compositores, autores, letristas e intérpretes.

Tom Jobim e Guimarães Rosa

“Do verso nasce a canção
Do sertão meu estribilho”.

(Tom Jobim)

Teria havido uma ligação entre Tom Jobim e Guimarães Rosa?

O que se constata, aliás, exposto por mais de uma vez pelo próprio Jobim (1927-1994), é a afinidade explícita entre o projeto literário de Guimarães Rosa (1908-1967) e o trabalho de Tom Jobim: “Guimarães Rosa está dentro da minha obra... Tentava ler Grande Sertão... não consegui, porque era denso, pesado. Depois aquilo virou uma sopa no mel. Aquilo virou minha casa!” (Martins & Abrantes 1993:180-181). Há música, na verdade, espalhada por toda parte no sertão de Guimarães Rosa. O principal personagem de Grande Sertão, Riobaldo Tatarana, definiu como grandeza cantável os sons e ruídos que a pródiga natureza oferece, insistindo, no sertão: “Tudo é muito cantável” (Rosa 1986:297).

Pode-se notar, numa análise, o papel decisivo desempenhado pela canção popular, na composição do projeto literário de Guimarães Rosa. Como dito pelo próprio personagem Riobaldo que “Tudo é muito cantável”, a obra de Rosa revelou uma musicalidade aos ouvidos de Jobim, condição esta espalhada por todo o sertão, resultado ainda do objetivo de Rosa de manipular a sonoridade da língua.

Possivelmente a descoberta por Jobim de que existe uma musicalidade situada no fundo do texto de Rosa o encantou.

E Rosa explica “[...] acho [...] que as palavras devem fornecer mais do que significam.” E adiante: “As palavras devem funcionar também por sua forma gráfica, sugestiva e por sua sonoridade, contribuindo para criar uma espécie de música subjacente” (Starling 2010), mencionadas na carta de João G. Rosa à sua tradutora Harriet de Onís, em 11 de fevereiro de 1964.

Observa-se que não só o gosto pessoal de Jobim tornou a obra de Rosa a sua própria casa, como esclarece Starling (2010): “A busca pela grandeza cantável do sertão, pela música subjacente das palavras e por aquilo que a canção representa para construção da memória, sensibilidade pública, imaginação e compreensão do Brasil - as três formas de musicalidade combinadas sustentam seu projeto literário - explica algo sobre a afinidade do compositor com sua obra”.

Algumas considerações devem ser feitas em relação a Tom Jobim entre tantas outras. Jobim é considerado o cancionista da Mata Atlântica – vivenciou em sua infância a natureza particularmente os pássaros. Conheceu-os e imitava-os. Sabia o pio dos inhambus, xororó, assú e outros. Nas músicas o “Bôto”, gravado por ele e “Borzeguim”, com o quarteto em Cy, Jobim gravou vários desses pios.

Na sinfonia de Brasília se ouve o diálogo da perdiz e do jaó. Em “Passarim” a ideia contida nessa canção é a da perda daquilo que escapa de nossas mãos, que some, que passa. Em “Sabiá” a canção foi concebida em clima de muita agitação política no Brasil que era governado pelos militares. Havia uma forte oposição ao regime. Tom Jobim estava há seis anos morando mais nos EUA do que aqui e fez a “Sabiá” em parceria com Chico Buarque (1944-) em cima do poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias. “Sabiá” marcou o início da volta de Jobim ao Brasil. Foi, na verdade uma belíssima homenagem à canção “Azulão”, composição de Jayme Ovalle e Manuel Bandeira. A composição de “Sabiá” é fruto da inspiração de Jobim, sendo que a inversão da estrutura conceitual da estrofe final da “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias foi contribuição de Chico Buarque de Holanda:

“Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar
Foi lá e é ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar uma sabiá”.

“Sabiá” é uma canção de desterro e por conta disso, é impregnada por um sentimento de perda.

Em “Bôto” – a ideia dessa música é uma conversa entre os animais sobre o ser humano. Esta música contida num LP gravado em 1975 teve a denominação de “Urubu”. Na contracapa deste LP, Jobim escreve sobre o urubu-caçador. E “Jereba é urubu importante como, aliás, todo urubu. Mas entre eles, urubus, observam-se prioridades.” Jereba é o urubu-de-cabeça-vermelha. Agrega do urubu-de-cabeça-preta ao condor-dos-andes. Jobim ainda escreve: “Provador de venenos, sua prioridade é o risco”. Verdadeiro gari ecológico, o urubu responde pela digestão de até 95% do material em decomposição na natureza (Jobim 1975).

“Matita perê” e “Águas de março” foram composições que marcaram o retorno definitivo de Jobim ao Brasil. Depreende-se que estas duas canções dialogam inclusive em volta da circularidade de sua estrutura musical. Em “Matita perê” há modulações descendentes atravessando 12 tonalidades até voltar ao tom original. Em “Águas de março” – que faz menção ao pássaro matitaperê, o baixo desenha uma linha descendente que sempre volta ao ponto de partida. Entretanto, as duas canções são distintas e cada qual realiza seu próprio mergulho nas entranhas do país. A canção “Matitaperê”, (contida em álbum do mesmo nome) e que vem a ser o saci, pássaro também conhecido por outros nomes como peítica, piriguá, crispim, fenfêm, sem-fim, Jobim compôs com Paulo César Pinheiro. Do conto “Duelo”, integrante do livro “Sagarana”, obra de estreia de Rosa (1946) em que o autor descreve a luta de dois homens que se perseguem na busca de uma reparação, por conta de uma ofensa que um teria cometido ao outro, sai a leitura feita por Jobim e Pinheiro na fusão de música e texto o que é essencial no argumento literário do conto de Rosa. Nota-se que a repetição do intervalo do semitom em região aguda produzida pela flauta mimetiza o assovio do pássaro – o matitaperê – assovio que se repete ao longo e acaba por avisar aos contadores que a perseguição recomeça e continua (Starling 2010).

E aí a concluir que ocorreram muitas migrações, as mais surpreendentes, entre livros e canção, canção e poemas. Tom Jobim e Guimarães Rosa se juntam e se misturam.

Interessante notar, ainda, que Jobim, entre os anos de 1973 e 1975 gravou respectivamente, os álbuns Matitaperê e Urubu, títulos esses com denominação de aves brasileiras e que “podem expressar a intenção do poeta em exaltar a sabedoria ancestral do reino das

aves” e que o matitaperê conhecido popularmente de sem-fim é a ave com o canto que anuncia o mau agouro e “é a personificação do saci-pererê o nosso mitológico protetor da natureza” (Haudenschild 2009.).

Cacaso, a música, as aves e os dias atuais

Cacaso, Antônio Carlos de Brito (1944-1987), professor da PUC, Rio de Janeiro foi um letrista de primeira grandeza. Entre elas produziu, em parceria com Edu Lobo, responsável pela melodia, “Lero-Lero”, que em certa altura lançou: Diz um ditado natural da minha terra / Bom cabrito é o que mais berra / Onde canta o sabiá / Desacredito no azar da minha sina / Tico-tico de rapina / Ninguém leva o meu fubá.

Os versos que brotaram de Cacaso aplicam-se aos momentos atuais do Brasil (manifestações em profusão) e conseqüentemente aos seus propósitos (extrai-se de cartazes empunhados pelos manifestantes, na maioria jovens). Mas os versos, acima descritos envolvem duas aves e são trabalhados de forma irônica e mordazmente ambígua. Caracteriza o tico-tico, que no imaginário brasileiro é doce, meigo e popular, e acaba por transformar o simbólico pássaro nacional numa ave de rapina (ave da qual não se tasca o fubá). Lembra a nossa terra onde “canta o sabiá”.

Quanto aos versos iniciais dessa estrofe, bem sabemos que o ditado nacional é bem outro; é o infame “bom cabrito não berra” referindo-se à nossa história (desde as Capitânicas Hereditárias, transformação do público em privado e por aí segue).

O poeta musical vaticinou em seus versos, com ironia, mordacidade e ambigüidade o momento atual.

Na poesia

Santa Rita Durão (1722-1784), poeta do período colonial brasileiro, em seu poema épico do descobrimento da Bahia escrito em 1781, descreve exemplares da fauna existente nesta terra Brasil:

“[...] Negou às aves do ar da natureza.
Na maior parte a música harmonia;
Mas compensa-se a vista da beleza
De que pode faltar melodia:
A pena do tucano mais se preza,
Que feita de ouro fino se diria,
Os guarazes de púrpura vestidos.”

(Durão 1945)

Gonçalves Dias (1823-1864), grande poeta maranhense, estando em Coimbra, em exílio voluntário e estudantil escreveu:

“Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá”.

Mas há de se perguntar, se de fato o sabiá cantava na palmeira, como escreveu Gonçalves Dias. As dúvidas surgiram em todos os tempos e respostas as mais diversas e antagônicas.

Em princípio necessário é saber a que sabiá se referia Dias. Quando se fala, na região sul, em sabiá, de imediato se pensa no sabiá-laranja e os diversos do gênero *Turdus*. Os observadores e os pesquisadores afirmam que essas aves não cantam em palmeiras. Entretanto, interessante e pertinente observação foi feita por Eurico Santos, quanto a que sabiá se referia Gonçalves Dias. Observa que essas aves eram difíceis de serem encontradas pois sempre estavam

no intrincado dos ramos e poucas vezes em lugar de destaque. E, por força deste hábito, o sabiá não deveria frequentar palmeiras e ainda emitir o som melodioso e suave. Em seu parecer, Santos admite que seja bem possível aceitar a ideia de que se tratava na verdade de um sabiá-da-praia, por duas razões: este sabiá é encontrado no litoral atlântico do Brasil Setentrional e, segundo Olivério Pinto (Santos 1987), convive com os coqueiros do litoral arenoso dos estados do Nordeste. A segunda razão é que o sabiá-da-praia é musicista exímio e deve ter despertado a atenção e sensibilizado o poeta maranhense que com ele cantava a beleza da nossa terra (Santos 1987).

Diferentemente de Gonçalves Dias que cantou o sabiá-das-palmeiras, outro poeta, Casimiro de Abreu (1839-1864) veio a cantar o sabiá em seus versos, mas para as laranjeiras: (para o sabiá-laranjeira):

“Eu nasci além dos mares:
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
- onde canta nos retiros
Seus suspiros
O sabiá.”

Cassiano Ricardo, em sua fase modernista, conceitua a saudade, com os versos:

“Esta saudade que fere
Mais do que as outras quiçá,
Sem exílio, sem palmeira
Onde cante um sabiá...”

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) finge, poeticamente, distância e esquecimento para entregar-se em afeto de homenagem e envolvimento:

“Meus olhos brasileiros se fecham saudosos
Minha boca procura a “Canção do Exílio”
Como era mesmo a “Canção do Exílio? Eu tão
Esquecido de minha terra... Ai terra que tem
Palmeiras onde canta o sabiá!”

Antônio Carlos Jobim e Chico Buarque acabam por trocar o sabiá histórico para a sabiá amada:

“Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar
Foi lá e é ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar
Um sabiá.”

Vinicius de Moraes (1913-1980), poeta e diplomata brasileiro que exerceu cargos na sua carreira diplomática em consulados nos EUA, na Delegação do Brasil junto à UNESCO e no Uruguai traduziu sua saudade, apaixonado que era por nossa terra, em um poema, muito expressivo, cheio de ternura, amor e saudade chamado “Pátria Minha”. Dentre os versos eloquentes cita algumas expressões de saudade do Brasil. Na última estrofe do poema Vinicius cita três pássaros, mas o que importa é o terceiro mencionado porque é o símbolo do Brasil:

“Agora chamarei a amiga cotovia
E pedirei que peça ao rouxinol do dia.
Que peça ao sabiá
Para levar-te presto este avigrama.
Pátria minha, saudade de quem te ama.”

Vinicius de Moraes ultrapassou as fronteiras da palavra escrita. Foi também dramaturgo e aparece muito na forma das composições, parcerias e interpretações. O que se depreende, hoje de sua obra é que Vinicius, autor de inúmeras composições, está associado à poesia quanto à MPB. Suas canções de forma reiterada sombreiam seus sonetos lapidares. O centenário de seu nascimento ocorreu em 19 de outubro de 2013.

Murilo Mendes (1901-1975), em clara paródia da Canção do Exílio gonçalviana, abandona o tema saudade e exílio, no caso, na própria terra, substituindo as palmeiras por macieiras e os sabiás pelos gaturamos:

“Minha terra tem macieiras da Califórnia
Onde cantam gaturamos de Veneza”.

Pasquale Cipro Neto (1954-), professor e colunista da Folha de São Paulo, em artigo (Cipro Neto 2012), assim analisa os versos de Murilo Mendes: “É claro que Minha terra não tem macieiras da Califórnia, muito menos gaturamos de Veneza”. E mais adiante, continua a sua análise: “Ao dizer “minha terra tem macieiras da Califórnia”, Murilo obviamente quis dizer “minha terra não tem macieiras da Califórnia” (mas gostaria de tê-las...)”.

E quanto aos versos finais da Canção do Exílio de Murilo:

“Nossas flores são mais bonitas
Nossas frutas mais gostosas
Mas custam cem mil reais a dúzia
Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade.
E ouvir um sabiá com certidão de idade!”

Ao que observa o professor Pasquale: “sabiá com certidão de idade” obviamente é um sabiá legítimo (e não uma fraude, como os “gaturamos de Veneza”).

Mário Quintana (1906-1994), poeta gaúcho, em tom crítico e irônico, em poesia denominada “Uma canção” assim escreveu:

“Minha terra não tem palmeiras...
Em vez de um mero sabiá,
Cantam aves invisíveis
Nas palmeiras que não há.” (...)

Nas obras de Cacaso, um poeta letrista ou um letrista poeta, há uma constante mais acentuadamente nas duas primeiras (A palavra cerzida e Grupo Escolar) que a imagem das aves. Elas surgem de várias formas, seja através de pássaros em geral, galos e tico-ticos ou gaivotas e urubus. Se as aves figuram em diferentes metáforas poéticas sua força alusiva só faz acentuar a densidade semântica dos versos de Cacaso.

Cacaso, satirizando a ditadura e parodiando a Canção do Exílio e também a canção “Tico tico no fubá” de Zequinha de Abreu, assim se expressou em “Jogos florais”:

“Minha terra tem palmeiras
Onde canta o tico-tico
Enquanto isso o sabiá
vive comendo o meu fubá.”

Taiguara (1945-1996), cujo nome era Taiguara Chalar da Silva foi um cantor e compositor. Embora nascido no Uruguai veio ao Brasil com apenas quatro anos e com a família estabeleceu-se no Rio de Janeiro. Incorporou diversos ritmos como o guarania paraguaia, o samba, a bossa nova e o pop-rock. Aos quinze anos mudou-se para São Paulo. Em plena produção musical, entre 1968 e 1975, dedicou um poema musicado “Terra das palmeiras”, trabalhando com muitas referências e subvertendo algumas delas como é este caso, aliás, bem evidente, nestes versos:

“Sonhada terra das palmeiras
onde andarás teu sabiá?”
Terá ferida alguma asa?
Terá parado de cantar?

É bom lembrar que Taiguara sofria uma perseguição implacável da censura promovida pela ditadura, ainda que num período mais brando.

Mário de Andrade (1893–1945) poeta, romancista, historiador, folclorista, verdadeiro polímata, lançou em 1927 a poesia *Noturno de Belo Horizonte*, contida no livro “Clã do Jabuti” denota, como na obra toda, sua fase nacionalista, na busca de uma identidade mais brasileira dentro de sua poesia. Nos versos finais de *Noturno de Belo Horizonte*, Mário de Andrade escreve: “E abre alas que eu quero passar! / Nós somos brasileiros auriverdes! / As esmeraldas das araras / Os rubis dos colibris / Os abacaxis as mangas os cajus / Atravessam amorosamente / A fremente celebração do universal!”. Não se esqueceu das aves, e demonstra a sua face musical utilizando-se do verso inicial da marcha de carnaval de Chiquinha Gonzaga que acaba por dar o tom para conduzirmos soberbos as riquezas naturais do nosso chão para atravessarmos “amorosamente a fremente celebração do universal”. E mais ainda. Na poesia “As juvenilidades auriverdes” o poeta refere-se uma vez mais a algumas aves: “Nós somos as Juvenilidades auriverdes! / As franjadas flâmulas das bananeiras, / as esmeraldas das araras / Os rubis dos colibris, / Os lirismos dos sabiás e das jandaia...” (Andrade 1924).

Cassiano Ricardo (1895–1974) era poeta representante do Modernismo de tendências nacionalistas, muito embora tenha passado pelo Parnasianismo e Simbolismo. À época de 20, 30 e até 40 surgiu um esforço de construção de uma identidade altamente positiva paulista via jornalismo diário que na maioria das vezes, transcreviam na 1ª página textos de Cassiano Ricardo: sempre transbordantes de orgulho ufanista pela competência, garra, engenhosidade e força dos construtores da capital paulista, símbolo maior de toda a glória de São Paulo.

Cassiano prestou também uma homenagem a algumas aves. Fez uma poesia chamada “Piratininga! São Paulo!”. Nessa poesia grafada no imperativo, a certa altura, narrando a chegada do Padre José de Anchieta a São Paulo, o poeta verseja: [“Veiu um dia um homem santo / de rosário na cintura / chamado Joseph de Anchieta: / [...] A única casa que havia / era bonita, amarela / mas só tinha uma janela / Era o sr. João de Barro / que morava dentro della.” Mais à frente escreve: “Um picapau carpinteiro / picava pau, dia inteiro, fazendo um bruto rumor... / Mas quando chegou Anchieta / O sr. João de Barro, o sr. Picapau / e o Martim Pescador / lhe vieram oferecer sua casa de barro / a sua lenha cor de brasa e o seu peixe festivo, ainda vivo.” Em outra estrofe: “Um vagalume apareceu de vela acesa. / E um papagaio pousou-lhe no ombro”... E mais à frente completa: “E agora onde as arapongas / malhavam seu doudo martelo / Na loura bigorna do dia / o operário paulista é quem bate”... E o poeta volta ao João de Barro: “E onde o pacato João de Barro / Construiu sua casa / no galho de uma árvore antiga / levanta-se agora / o vulto de um prédio phantástico”... (Campos 2009:75-76).

Ao delinear a imagem do jesuíta do Padre Anchieta, revestiu-o de uma auréola de santidade, e mais uma vez toca em uma ave: [Santo Anchieta teve logo / a ajuda não só dos índios / mas dos bichos, pois uma onça, / tomada de humilde assombro, / lhe veio lambe a mão. / E um bando de uirás em festa / lhe veio cantar no ombro...] (Campos 2009:76).

Ferreira Gullar (1930-), poeta maranhense de cunho social, após um longo período na clandestinidade, parte para o exílio (1970), pri-

meiro para Moscou, depois Santiago do Chile, Lima e depois para Buenos Aires. Amigo de Oscar Niemeyer, arquiteto ilustre falecido recentemente, escreveu “Lições de arquitetura” (Gullar 2012), onde faz analogia entre a ave e a obra de Niemeyer (1ª estrofe):

“No ombro do planeta
(em Caracas)
Oscar depositou
para sempre
uma ave uma flor
(ele não fez de pedra
nossas casas: faz de asa)”.

Na literatura

Na literatura, muitas são as homenagens e citações, mas, não poderia passar sem registro a obra “Iracema” de José de Alencar (1829-1857), em seu capítulo 1º: “Verdes mares bravios de minha terra Natal, onde canta a *jandaia* nas frondes da carnaúba, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiro” (Alencar 1865).

Rui Barbosa (1849-1923), escritor, jurista, filólogo e diplomata, célebre por sua atuação numa conferência na Holanda que lhe rendeu o título de o “Águia de Haia”, escreveu uma inesquecível página sobre “As andorinhas de Campinas”.

Humberto de Campos (1866-1934), escritor, jornalista e político, disse que os pássaros são a biblioteca de Deus. Passarinhos são os padroeiros dos cronistas.

Machado de Assis (1939-1905), considerado o maior nome da literatura nacional, comparou o folhetinista ao colibri, “que salta, esvoaça, e tremula (...) e espanja-se sobre todos os caules suculentos”.

João Guimarães Rosa (1908-1967), escritor mineiro, membro da Academia Brasileira de Letras, hoje pode ser considerado um observador de aves. Esta é a tese de Luiz Fernando de Andrade Figueiredo (Figueiredo 2010). Com percuciência e profundidade analisou a maior parte da obra de Guimarães Rosa e constatou aproximadamente 300 nomes diferentes de aves. Não foram consultados apenas o livro de poemas *Magma* e os primeiros contos do autor publicados pela revista “O Cruzeiro”, em 1929. Figueiredo (2010) apresentou uma tabela pormenorizada com nomes das aves citadas por G. Rosa, a espécie a que pertence a ave e histórias em que são mencionadas e complementa a informação em uma segunda, bem feita, tabela. Nesse trabalho Figueiredo concluiu que Guimarães Rosa pode ser considerado um observador de aves por ter cumprido de forma satisfatória os requisitos exigidos para tal atividade.

Graciliano Ramos – *Vidas secas* e o “Mundo coberto de penas”

Graciliano Ramos (1892-1953) foi romancista, cronista, contista, jornalista, político e memorialista do século XX. Teve seu livro *Vidas secas* o mais conhecido dado a público em 1938. O título original deste romance se chamaria “Mundo coberto de penas” e esta denominação ficou por conta de um capítulo do livro. Este capítulo, mais dramático, enseja a oportunidade de avaliarmos a interessante narração. Desta forma, relata a luta incessante que os animais em geral, inclusive o homem, travam na constante luta pela sobrevivência. As aves de arribação anunciavam novo ciclo de seca, pois elas constituem um símbolo ambíguo: de um lado acentuam os efeitos da seca, porque bebem a pouca água existente e, de outro, servem de alimento e, temporariamente, impedem que a família morra de fome. No “Mundo coberto de penas” (Ramos 1981), a arribação (migração das aves) é sinal de seca próxima. O personagem Fabiano era nordestino, pobre, ignorante que desesperadamente procura trabalho, bebe muito e perde dinheiro no jogo. As aves roubavam a água do

gado, matariam os bois e cabras. Fabiano caminhou até o bebedouro, onde as aves confirmavam o anúncio da seca. Eram muitas. Com um tiro eliminou cinco, seis delas. Irado, Fabiano matou mais e mais aves. Serviriam de comida, mas até quando? Quem sabe a seca não chegasse... Era sempre uma esperança. Mas o céu escuro de arribações só confirmava a triste situação. Elas cobriam o mundo de penas, matando o gado, tocando a ele e à família dali, quem sabe comendos. As aves nesse caso, serviriam de pano de fundo para o relato do flagelo da seca no nordeste brasileiro e o drama do seu homem.

Rubem Braga (1913-1990) foi um escritor brasileiro e considerado por muitos como o maior cronista do país. Natural de Cachoeiro de Itapemirim (ES) cobriu a Revolução Constitucionalista de 1932 pelo “Diários Associados”. Seu primeiro livro foi “O Conde e o passarinho”, em 1936. A partir dessa época fez uma série de publicações. A marca registrada de Rubem Braga era a “crônica poética” na qual aliava um estilo próprio a um intenso lirismo, provocado pelo acontecimentos cotidianos, pela paisagem, pelo estado da alma, pelas pessoas e pela natureza. Em 1968, fundou a Editora Sabiá, com Fernando Sabino e Otto Lara Resende.

Fernando Sabino (1923-2004), escritor e jornalista brasileiro, mineiro nascido em Belo Horizonte, publicou livros de crônicas, romances, contos, infantis e outros. Consolidou seu nome como um dos renovadores do gênero (crônicas) ao lado de Rubem Braga. Tem uma crônica especial intitulada “Amor de passarinho”.

Ivan Ângelo (1936-) é jornalista, cronista e romancista. Natural de Barbacena (MG), mudou-se para São Paulo em 1965 e participou da primeira equipe do “Jornal da tarde” (SP). Da sua lavra estão contos, crônicas, novelas e romance com o qual arrebatou o Prêmio Jabuti, como o melhor romance do ano de 1976. Desde 1999 passou a publicar uma crônica quinzenal na revista “Veja São Paulo”. Tem uma magnífica crônica (Ângelo 2012) intitulada “Vizinhos pássaros”. Ângelo publicou recentemente um livro “Certos homens” e nele um lindo texto de nome “Bichos do sítio”.

Humberto Werneck (1945-) é um jornalista, cronista e contador de histórias como poucos. Como cronista alia a capacidade de observação ao talento com as palavras. Tem vários livros publicados, tendo passado por várias redações de importantes revistas e jornais. Seu último livro chama-se “O espalhador de passarinhos”.

Na literatura de cordel

O sabiá e o gavião - Breve análise do poema de Patativa do Assaré.

Patativa do Assaré (1909-2002) foi poeta popular, compositor, cantor e improvisador brasileiro. Nascido Antônio Gonçalves da Silva, o cearense de Assaré, recebeu o apelido de “Patativa” devido à semelhança entre seu canto e o do pássaro patativa ave que possui canto mavioso e singular. Considerado gênio da literatura cearense, destacou-se na poesia, experimentando as cantorias e seus desafios, o cordel e sua dicção repentista, chegando às leituras dos clássicos da poesia universal. Deixou várias obras.

No poema “O sabiá e o gavião” destaca-se uma particularidade que se pode observar: é a oposição que existe entre as duas aves, o sabiá, ave típica com canto melodioso que encanta e alegre, e o gavião, ave destituída dessas características e que, por se alimentar de outras aves, é mal considerado.

No início é interessante notar que em suas afirmações o autor deixa bem claro a falta de amor e carinho das pessoas pelos animais. Na segunda estrofe o destaque é pela exaltação da natureza, especialmente o canto das aves. Na sétima estrofe surge o pensamento místico do sertanejo por figuras do cristianismo quando o autor expõe esse sentimento: o bem (Deus) no momento em que se refere ao sabiá e o mal (diabo) no momento que se refere ao gavião,

assim: “As escritura não diz / Mas diz coração meu: / Deus, o maiô dos juiz, / No dia que resorveu / A fazê o sabiá / Do mió materiá / Que havia inriba do chão. / O diabo, munto inxerido, / Lá num cantinho, escondido, / Também fez o gavião”. O poeta segue e a partir da oitava estrofe de seu poema deixa claro a evidência da sua experiência vivida em sua infância, para, na nona estrofe, voltar no tempo e narrar os fatos acontecidos envolvendo o sabiá e o gavião. Diz o poeta que saiu para um lugar próximo a sua casa num pé de juá para escutar o canto dos pássaros, dizendo: “Achei num pé de juá / Um ninho de sabiá / com dois mimoso fiote”. Ressalte-se que ao ler o poema o amor e a ternura envolvem totalmente o poeta. O poeta prossegue perpassando pela efemeridade da vida na 14ª estrofe: “Mas tudo na vida passa”..., pois acordou e o dia era diferente dos demais e mais triste e sombrio, então mais que depressa, foi ver o ninho e não encontrou os filhotes de sabiá, achando somente o casal. Na 24ª estrofe, Patativa descreve a malvadeza feita pelo gavião: “Pois o gavião marvado / chegou lá e fez o que quis / Os dois fiote tragou / O ninho desmatelou”... e, ao final da estrofe mostra a sua profunda indignação (Assaré 1978:226).

Referências Bibliográficas

- Albin, C. (2002) **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/>>. Acesso em 20 de junho de 2012.
- Alencar, J. (1997) **Iracema**. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Andrade, M. (1924) **Noturno de Belo Horizonte**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl_e4w/media/poesia11.pdf>. Acesso em: 18 de maio de 2012.
- Angelo, I. (2012) Vizinhos pássaros. **Veja São Paulo**. São Paulo, 21 de março de 2012, p. 154.
- Assaré, Patativa do (1978) **Cante lá que eu canto cá**. 12ª. ed. Petrópolis: Vozes.
- Brienen, R.P. (2010) **Albert Eckhout: Visões do paraíso selvagem**. Rio de Janeiro: Capivara.
- Campos, R.D. (2009) **Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940): Educação e História**. São Paulo: Unesp.
- Carvalho, A. (1915) “Três Naturalistas”. **Revista Museu Paulista** 10: 884-894.
- Choris, L. (1826) **Vues et paysages des régions équinoxiales recueillies dans un Voyage autour du monde**. Paris: Paul Renouard.
- Cipro Neto, P. (2012) Minha terra tem macieiras da Califórnia. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 14 de junho de 2012. Cotidiano, p. 2.
- Durão, S. R. (1945) **Poema épico do descobrimento da Bahia - 1781**. São Paulo: Cultura.
- Figueiredo, L.F. A. (2010) João Guimarães Rosa e suas aves: era ele um observador de aves? **Atualidades Ornitológicas** 153: 33-49. Disponível em: <http://www.ao.com.br/download/ao153_33.pdf> Acesso em 8 de julho de 2012.
- Gullar, F. (2012) A beleza é leve. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 16 de dezembro de 2012. Ilustrada, p. 14.
- Haudenschild, A.R. (2009) A escuta da mata em Borzequim: uma trilha para a lírica jobiniana da natureza. **Revista de Estudos Poéticos-musicais** 5: s/n.
- Jobim, A.C. (1975) **Urubu**. Texto de contra-capa – LP 12” – Warner WS 1699.
- Marcgrave, J. (1942) [Marcgrave, G. 1648] **História natural do Brasil**. Tradução de José Procópio de Magalhães São Paulo: Imprensa Oficial do Estado [Comentários de Olivério M.O. Pinto].
- Martins, M., P.R. Abrantes (Orgs.) (1993) **3 Antônio e 1 Jobim: Histórias de uma geração**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Nepomuceno, R. (1999) **Música Caipira da Roça ao Rodeio**. São Paulo: 34.
- Ramos, G. (1981) **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record.
- Ribeiro, J.H. (2010) **Música caipira**. São Paulo: Globo.
- Rosa, J.G. (1946) Duelo (Conto). *In*: **Sagarana**. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Rosa, J.G. (1986) **Grande sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova.
- Sant’Ana, R. (2000) **A moda é viola. Ensaio do cantar caipira**. São Paulo: Unimar.
- Santos, E. (1987) **História, lendas e folclore de nossos bichos**. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada.
- Schwarz, L.M. (2010) **As barbas do imperador**. São Paulo: Cia das Letras.
- Starling, H.M.M. (2010) Tom e Rosa. **Revista USP** 87: 110-123.
- Straube, F.C (2011) **Ruínas e Urubus. História da ornitologia no Paraná Período Pré-Natteriano (1541-1819)**. 1ª ed. Curitiba: Hori Consultoria Ambiental.
- Teixeira, D.M. (2009) Os quadros de aves tropicais do Castelo de Hoflössnitz na Saxônia e Albert Eckhout (ca.1610-1666), artista do Brasil Holandês. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros** 49: 67-90.
- Vanzolini, P.E. (1996) A contribuição zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil. **Revista USP** 30: 190-238.

¹Pedagogo. E-mail: jbcanto@hotmail.com

Sinopse

A Tabela 1 a seguir dá um panorama das manifestações artísticas.

Tabela 1. Aves inspiradoras das manifestações artísticas

Nome das aves	Nome das obras	Tipo de manifestação artística	Autores, compositores	Intérpretes
Acauã	Acauã	música	J.B. Silva (Sinhô).	Sinhô, Teca Calazans, Osvaldinho do acordeon
	O canto de acauã	música	Dominguinhos e Anastácia	Dominguinhos
	Acauã	música	Zé Dantas e Luiz Gonzaga	Luiz Gonzaga, Gal Costa, Quinteto Violado
	Matinta perêra	música	Waldemar Henrique e Antônio Tavemard	Waldemar Henrique e Radamés Gnatalli Maria Livia São Marcos
	A acauã de novo ilustra triste seca no sertão	poesia	Gustavo Henrique S.A. Luna	
Águia	A águia	poesia	Dora Ferreira da Silva	
	Águia dourada	música	Roberto e Erasmo Carlos	Roberto e Erasmo Carlos
Andorinha	Andorinha	música	Antonio Mota e Marques Filho	Marques Filho, Noite Ilustrada
	Andorinha	música	Silvio Caldas	Silvio Caldas
	Andorinha Preta	música	Breno Ferreira	Breno Ferreira, Trio Irakitan, Nat King Cole
	As andorinhas de Campinas	música	Altamiro Carrilho	Altamiro Carrilho
	A andorinha	música	Narciso Serradell (México)	José Fortuna (versão).
	As andorinhas	música	Tonico e Tinoco	Tonico e Tinoco
	Andorinha	música	Tom Jobim	Tom Jobim
	Andorinha	música	Cacaso e Novelli	Ana de Holanda, Novelli e Pií Buarque
	Andorinha, a mensageira da primavera	crônica	Rosane Volpato	
	Poeminha sentimental	poesia	Mario Quintana	
Andorinhas (e rolas, periquitos)	Aves de arribação	poesia	Castro Alves	
Anu	O anu	poesia	Simões Lopes Neto	
	Pássaro Carão	música	Luiz Gonzaga e José Marcolino	Luiz Gonzaga, Marisa Monte
	Jardim das Acácias	música	Zé Ramalho	Zé Ramalho
	Anu	quadrinha	Carlos Teschauer	
	Anu	dança	J. C. Jacques	
	O anu	música	L.C. Barbosa Lessa e Paixão Cortes (colhidas)	Inezita Barroso
Araponga	Araponga	música	Rielinho	Nhô Pai, Nhô Filho e Rielinho
	Araponga	música	Luiz Gonzaga	Luiz Gonzaga
	Araponga isprivitada	música	Roberto Corrêa	Roberto Corrêa, Daniel Monteiro
	Araponga	música	Alfredo Borba e S. Barreto	Duo Brasil Moreno
	O canto da araponga	documentário	Carlos Canela (Dir.) e Daniel Roscoe	
	O canto da araponga	poesia	Cassiano Ricardo	
Araponga (e coleirinha, sabiá)	Irradiação	música	Chiquinho e Tonico	Chiquinho e Tonico, Tonico e Tinoco

Araraúna	Araraúna	dança folclórica	Domínio público	Grupos folclóricos RGN
	Hino à cidade de Araruna (PR)	música	Ari de Lima, Pe. Luiz Paganini	Corais
Asa-branca	Asa Branca	música	Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga	Luiz Gonzaga, Gonzaguinha, Elba Ramalho, Elis Regina, Caetano Veloso
	A volta da asa branca	música	Zé Dantas e Luiz Gonzaga	Luiz Gonzaga
Assum-preto	Assum Preto	música	Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga	Luiz Gonzaga, Dominginhos, Gil, Sérgio Reis
	Fogo na serra	música	Crioulo e Eddy Franco	Tonico e Tinoco
	Assum Preto	escultura	Efraim Almeida	
Ave (cita ave de arribação e condor)	Ave de arribação	música	Cacaso e Nelson Angelo	Rosa Emilia Dias
Ave (cita andorinha, rolinha, pintassilgo, tiziu)	Lindo e triste Brasil	música	Toquinho	Toquinho e Fagner
Ave (s) não identificada (s)	Ave noturna	poesia	Patativa do Assaré	
	Aves do meu sítio	poesia	Laura B. Martins	
	Aves	pintura	Geraldo França Jr.	
	Aves	aquarelas	Dilce Laranjeira	
	Aves	ilustração	Gustavo Banhara Marigo	
	Aves	desenho	José Merízio Júnior	
	Aves	pintura	Rafael Antunes Dias	
	Aves	pintura	Rafael Dutra	
	Aves	pintura	Osmar Borges	
	Aves	pintura	Joacelei Lemos Cardoso	
	Aves	pintura/ desenho	Priscila Fernandes	
	Aves	pintura	Vitor Torga Lombardi	
	Aves	desenho / ilustração	Frederick Pallinger	
	Aves	escultura	Eloir Silva	
	Aves	ilustrações	Renata Cunha	
	Aves	ilustração	Paloma de Farias Portela	
	Aves	ilustrações	Ronald Rosa	
	Aves	ilustrações	Fernando Igor de Godoy	
	Aves	ilustração	Gabriel Rosa	
	Aves	desenho	Mario Arthur Favretto	
	Aves	ilustração	Vanda Roxo	
	Aves	pintura	Vitor Torga Lombardi	
Azulão	Azulão	música	Heckel Tavares e Luiz Peixoto	José Tobias, Inezita Barroso, Paraguassu
	Azulão	música	Jayme Ovalle e Manuel Bandeira	José Tobias, Nara Leão, Inezita Barroso, Jane Duboc
	Azulão	música	Teixeirinha	Teixeirinha
	Azulão da mata	música	Venâncio e Corumbá	Cascatinha e Inhana, Zé do baião
Azulão (e rouxinol)	Azulão	música	Almirante e João de Barro	Gastão Formenti
	O azulão e os tico-ticos	poesia	Catulo da Paixão Cearense	
	Azulão	música	Paraguassu	Paraguassu

Beija-flor	Cantilena da lua cheia	música	Vital Farias	Vital Farias
	Beija-flor, colibri	música	Novelli e Ana de Hollanda	Ana de Hollanda
	Beija-flor	música	Adolfo Mariano	Adolfo Mariano
	Tema do beija-flor	música	Vital Farias e Gavião	Vital Farias e Gavião
	Canção do beija-flor	música	Carlos Santorelli	Carlos Santorelli
	Beija-flor	música	Antonio Nassara e Alberto Ribeiro	Alberto Ribeiro
	Ai que saudade d'ocê	música	Vital Farias	Fagner, Elba Ramalho, Geraldo Azevedo
	Beija-flor	música	Roberto Martins e Torres Homem	Carlos Galhardo
	Beija-flor	música	Carlinhos Veloz	Carlinhos Veloz
	Serenata a um beija flor	música	Marcelo Schneider, Joãozinho Gomes e Elton Ribeiro	Elton Ribeiro
	Beija-flor	poesia	Lígia Tomarchio	
	Beija-flor	poesia	Marinez Stringheta	
	O beija-flor	poesia	Leconte des Lislie (França) – Tradução de D. Pedro II	
	O beija flor	poesia	Emanuel B. Brito	
	O beija-flor	crônica	Valdir Barreto Ramos	
	Beija-flor	poesia	Rosangela do Valle Dias	
	O beija-flor no outono	poesia	Elias Akhenaton	
	Beija-flor	poesia	Jorge Linhaça	
	O cuitelo e o beija-flor	música	Mandi e Sorocabinha	Idem
Bem-te-vi	Canção passarinho	música	Luiz Violão	Fafá de Belém
	Bem-te-vi	música	Nelson Rabeca	Dona Benedita
	Bem-te-vi	música	J.B.Silva (Sinhô)	Gastão Formenti
	Bem-te-vi	música	Renato Terra	Renato Terra, Jayne, Byafra
	Bem te vi	música	Geraldinho Lins	Geraldinho Lins
	Bem-te-vi atrevido	música	Gastão Formenti e Paraguassu	Gastão Formenti e Paraguassu
	Bem-te-vi botou	música	Grupo Capoeira de Angola	Grupo Capoeira de Angola
	Bem-te-vi tristonho	música	Altamiro Carrilho	Altamiro Carrilho
	Jardim das fantasias	música	Paulinho Pedra Azul	Paulinho Pedra Azul, Almir Sater, Leandro e Leonardo, Tetê Espindola, Pena Branca e Xavantinho
	Bem te vi	conto	Josélia Pena Castro	
	Bem te vi	poesia	Cora Coralina	
	Bem te vi	poesia	Ilka Brunhilde Laurito	
	Gorjeios para um bem te vi	poesia	Giuseppe Martinelli	
	Eu também te vi	poesia		
	Bem-te-vi (e sabiá, bodero)	música	Alvarenga e Ranchinho	Alvarenga e Ranchinho, Rolando Boldrin, Vital Farias
	Bem-te-vi (e sabiá)	música	Pedro Ortaça	Pedro Ortaça
	Bem-te-vi (e sabiá, águia)	música	Gonzaga Júnior (Gonzaguinha)	Gonzaguinha
	Canário	música	Pixinguinha	Pixinguinha
	Canário Azul	livro	Lêdo Ivo	
Canário do reino	música	Carvalho/Zapata	Kid Abelha, Tim Maia, Mônica Salmaso	
Apareceu um canário	Crônica	Rubem Braga		

	Meu canário	música	Tonico, Anísio e J. Teodoro	Tonico e Tinoco
	Meu canário	música	Jayme Silva	Marisa Monte
Canarinho	Canarinho prisioneiro	música	Romancito Gomes	Praião e Prainha, Chico Rey e Paraná
	Dobrai canarinho	música	Raul Torres	Raul Torres e Serrinha
	Canarinho triste	música	Carlos Santorelli	Carlos Santorelli
	Meus canarim	música	Luiz Vieira	Luiz Vieira
	Canarinho teimoso	música	Altamiro Carrilho e Ary Duarte	Altamiro Carrilho
	Canarinho cantador	música	Teixeirinha	Teixeirinha
	O canarinho	música	Mandi (Manoel Rodrigues Lourenço)	Mandi
	O canarinho	crônica	Paulo Mendes Campos	
	Meu canarinho	música	Katya Teixeira	Katya Teixeira
Canarinho (e siriema, juriti)	Canjerê	música	Marília Pinheiro	Grupo Pique-Pega
Carcará	Carcará	música	João do Valle e José Candido	João do Valle, Nara Leão, Zé Ramalho
	Carcará, guardião do cerrado	música	Luiz Salgado	Luiz Salgado
	Missa Agrária/ Carcará	música	Carlos Lyra, G. Guarnieri, João do Valle e José Candido	Maria Bethânia
Casaca-de-couro	Caramuru	poesia (36ª estrofe)	Santa Rita Durão	
Cisne	Cisne Branco – Canção do marinheiro	música	Benedito Xavier de Macedo e Antônio Manoel do Espírito Santo	Bandas e corais diversos
	Cisnes brancos	poesia	Alphonsus de Guimarães	
Colibri	O colibri mimoso	música	Hervê Cordovil e Oswaldo Molles	Duo Guarujá, Cascatinha e Inhana
	Um colibri trovador	música	Pedro Nogueira	Pedro Nogueira
Colibri (e sabiá)	Estrada da minha vida	poesia	Patativa do Assaré	
Coruja	Corujinha	dança de roda carimbó	Antonio Carlos Santos e Mestre Verequete	Idem + Conjunto Irapuru
	A coruja branca	poesia	Lêdo Ivo	
	Corujinha	música	Vinicius de Moraes e Torquato	Vinicius de Moraes
Corrupião	Dança do corupião	música	Edu Lobo e Paulo César Pinheiro	Edu Lobo
	História do corupião	crônica	Rubem Braga	
Cotovia	Cotovia, rouxinol e beija-flor	poesia	Marcial Salavery	
Chopim (vira)	Vira no meu quintal	música	Renato Teixeira	Renato Teixeira
Curió	Suíte dos passarinhos	música	Passoca	Passoca
Curió (e tiê-sangue)	Ganga bruta	música	Rolando Boldrin	Rolando Boldrin
Curió (e canário, uirapuru, coruja)	Seu progresso – Canção da floresta	música	Fabrcício , Matheus e Mario Valladão	Fabrcício Matheus
Ema	O canto da ema	música	João do Valle, Aires Viana e Alventino Cavalcante	João do Valle, Jackson do pandeiro, Zé Ramalho
Fênix	Fênix	música	Flavio Venturini e Jorge Vercilo	Flavio Venturini, Jorge Vercilo
	Fênix	música	Aldo Cabral e Ataulfo Alves	Ataulfo Alves. Noite ilustrada

Gaivota	A gaivota	música	Nélio Torres, Valente Jr. e Flávio Nascimento	Tonico e Tinoco
	A gaivota	música	Gilberto Gil	Gilberto Gil, Nei Matogrosso
	Gaivota pantaneira	música	Dino Rocha	Rocha e Zacarias Mourão
	Jangadeiro do norte	música	Braguinha (João de Barros)	Francisco Alves, Gastão Formenti
	Gaivotas	música	Antônio Marcos	Antônio Marcos
	Gaivotas	música	Guilherme Arantes	Guilherme Arantes
	A gaivota	música	Léo Canhoto e Robertinho	Léo Canhoto e Robertinho
	Gaivota dourada	música	Piska	Jessé
	Balneário Gaivota	música	João Alberto Plucênio (L) e Antônio Natálio Vignálio (M)	Bandas e corais diversos.
Gaivota (e gavião, colibri etc.).	Lenda do Pégaso	música	Moraes Moreira	Moraes Moreira
Galo	Galo garnizé	música	L. Gonzaga, Miguel Lima e Antônio Almeida	Luiz Gonzaga, Ademilde Fonseca
	Galo sem crista	música	Raul Torres	Raul Torres e seu conjunto
Garça	O galo da campina	música	Renato Teixeira	Renato Teixeira
	Garça branca	música	Vieira e Vieirinha	Vieira e Vieirinha
	Garça branca	música	Cláudio Nucci	Cláudio Nucci
	Garça branca	música	Raul Torres e Florêncio	Raul Torres e Florêncio
	Garça branca	música	Gralha Azul	Gralha Azul
	Garça Branca da Serra	dança	Dino Franco	Dino Franco e Mouraci
	Cair da tarde	música	H. Villa Lobos e Dora Vasconcelos	Ney Matogrosso, Mônica Salmasso
	Garça pantaneira	música	Milionário e José Rico	Milionário e José Rico
	Garça branca do Araguaia	música	Fátima Leão	Leonardo
	A garça	música	Fernando Lona	Cascatinha e Inhana
Gaturamos	Garça	quadrinha	Henrique Silva	
	A garça	poesia	Artur da Távola	
Gavião	O vim vim	poesia	Patativa do Assaré	
	Gavião	música	Siba	Siba e Mazinho
	Gavião	música	Arlindo Santana e José Vila Nova	Idem
	Gavião peneira	música	Maciel Virgílio Siqueira	Sivuca e Dominginhos
	Passa passa gavião	música	H. Villa Lobos	H. Villa Lobos
	Gavião	música	Sidney Miller	Nara Leão
	O casamento da pomba com o gavião	dança	Banda Cabaçal ou Roda de couro	Idem
	Adeus gavião dourado	dança	Comunidade Boa Vista, Serrinha (BA)	Comunidade Boa Vista, Serrinha (BA)
	Gavião de penacho	música	Raul Torres - caipira	Raul Torres e seu conjunto
	Gavião Chô Chô	música	Hervê Cordovil	Isaurinha Garcia
	Xô Xô gavião	música	Claudionor Cruz, T. Araújo	Alvarenga e Ranchinho
	Gavião do mar	música	Manezinho Araújo, De Moraes	Manezinho Araújo e De Moraes
	Gavião peneirador	música	Dominginhos e Marcos Barreto	Dominginhos
	Advertência ao gavião	poesia	Lêdo Ivo	
	O gavião e a andorinha	música	Tião Carreiro e Pardinho	Tião Carreiro e Pardinho
	Gaviãozinho carijó	música	Xerém e Bentinho	Xerém e Bentinho
	Gavião, (e jacu, passarim)	Borzeguim	música	Tom Jobim
O gavião		poesia	Myriam Fraga	

Gralha	Gralha Azul	música	Fátima Guedes	Fátima Guedes
	Gralha Azul	música	Nhô Belarmino	Nhô Belarmino e Nhá Gabriela
	Gralha Azul	música	Os Buenachos	Os Buenachos
	Gralha Azul	música	Laci Pinto e Luiz Leite	Nilo Amaro e seus cantores de Ébano
Gralha (e pardais)	Saudade do Paraná	música	Boró (Bertolo Anhol Júnior)	Fábio Rocha e Adryano
Graúna	Minha graúna	música	Tito Neto e Alvarese	Nilo Amaro e seus cantores de Ébano
	Graúna	desenho e personagem	Henfil	
	Graúna	música	João Pernambuco	João Pernambuco, Leandro Carvalho, Turíbio Santos, Antônio Adolfo
Graúna (e coleirinha, sanhaço)	Amanhecer na roça	música	Nenete e Anacleto Rosas Jr.	Nenete e Dorinho
Guriatã	Guriatã	música	Roque Ferreira	Maria Bethânia
Inhambu	Chitãozinho e Xororó	música	Roque de Rosa	Tonico e Tinoco
Inhambu (e sabiá, galo)	Saudade da minha terra	música	Goiá e Belmonte	Tonico e Tinoco Chitãozinho e Xororó, Zé Rico
	Quando canta o chororó	música	João Mineiro e Marciano	Idem
	O piá do Nhambu	música	Raul Torres e Genésio Arruda	Idem
Nambu (Inhambu)	O retrato do sertão	poesia	Patativa do Assaré	
Inhuma	Prelúdio da Inhuma	música	Renato Andrade	Renato Andrade
	Inhuma do sertão	música	Renato Andrade	Renato Andrade
	O canto da Inhuma	música	Renato Andrade	Renato Andrade
	Retirada da Inhuma	música	Renato Andrade	Renato Andrade
Irapuru	O irapuru	poesia	Humberto de Campos	
Jabiru	Jabiru	poesia	Antônio Sales	
Jaçanã	Jaçanã	música	Téo Azevedo e Caxangá	Cascatinha e Inhana
Jacutinga	Jacutinga	música	Valito e Zé do Cedro	Zé do Cedro e João do Pinho
Jacutinga (e sabiá, arara azul, uirapuru)	Boa Nova	música	Ivan Lins, Beto Betuk e Celso Viafora	Ivan Lins
Jandaia (e papagaio, inhambu, urutau)	O boto	música	Tom Jobim, Jararaca	Edu Lobo, Tom Jobim, Jararaca
Jaó	Sinfonia de Brasília	música	Tom Jobim e Poesia de Vinicius de Moraes	Orquestras, Bandas e corais diversos.
Japim	Japiim	música	Waldemar Henrique	Isabela Santos
	Japim	poesia	Humberto de Campos	
Jereba	Urubu	texto e capa	Antônio Carlos Jobim	
João-de-barro	João de barro	música	Juca Reis e Raul Torres	Raul Torres e Florêncio
	João de barro	música	Maria Gadú e Leandro Leo	Maria Gadú
	João de barro	música	Teddy Vieira e Muibo Cury	Raul Torres e Florêncio, Tonico e Tinoco, Sérgio Reis
	João de barro	música	L.C.Barbosa Lessa	Roberto Fioravante
	João de barro	poesia	Cassiano Ricardo	
	Poemas voadores	poesia	Flavio Colombini	
	Poema ao João de barro	poesia	Vânia Moreira Diniz	
	João de barro	pintura	Pintor José Antônio da Silva	

Juriti	Juriti	música	Trio Juriti	Trio Juriti
	Juriti	música	Joubert de Carvalho	Francisco Alves
Juriti (e seriema)	Triste sertão	música	Toquinho e Vinicius	Toquinho e Vinicius
	Juriti	música	Byafra e Bolinha	Byafra e Bolinha
	Juriti	música	Paulo Tovar e Aldo Justo	Célia Porto, Maria Preá e Tripa Lipa
	Juriti	música	Raul Silva	Benedito Lacerda
	Juriti Butterfly	música	Sá e Guarabira	Rodrix, Sá e Guarabira
	Juriti mineira	música	Goiá e Zacharia Mourão	Tonico e Tinoco, Irmãs Galvão
	Juriti	música	Chiquinha Gonzaga	Chiquinha Gonzaga
	Luar sertanejo	música	Teixeirinha	Teixeirinha
	Lamento de um juriti	poesia	Clóris de Andrade e Onildo Barbosa	Declamação
Juriti (e jacu)	Lavandêra	música	Rui de Moraes Silva	Fabiana Cozza
Juriti (e sabiá, seriema)	Meu sertão	música	Tonico e José Lopes	Tonico e Tinoco
(Cita Juriti, inhambu, acauã etc.)	Aquarela nordestina	música	Rosil Cavalcanti	Elba Ramalho, Luiz Gonzaga
	Juriti	opereta	Viriato Corrêa	Diversos
	O canto da juriti	poesia	Cassiano Ricardo	
Mutum	Mutum	música	Domínio público	Vários
Mutum, (cita jáó, tuiuí etc.)	Crepúsculo	música	Flávio Vezzoni	Grupo Moxuara
Papagaio	Papagaio canta	dança carimbó	Manoel Luiz Saraiva e Verequete	Manoel L. Saraiva, Verequete e conjunto Uirapuru
	Papagaio louro	música	Raul Torres e Florêncio	Raul Torres e Florêncio e outros
	Tem papagaio no poleiro	música	José Barbosa da Silva (Sinhô)	Artur Castro
	Papagaio gaio	poesia	Cassiano Ricardo	
	O ladrão de papagaios	poesia	Cassiano Ricardo	
	Versos do Patativa	poesia	Patativa do Assaré	
Papagaio (e jandaia, inhambu)	O bôto	música	Tom Jobim e Jararaca	Edu Lobo, Tom Jobim e Jararaca
Pardal	Suíte dos passarinhos	música	Passoca	Passoca
	O piar do pardalinho	poesia	Maria Fonseca	
Pássaro (os)	Prelúdio para ninar gente grande (Menino passarinho)	música	Luiz Vieira	Luiz Vieira
	Amor de passarinho	crônica	Fernando Sabino	
	Conversa de compra de passarinho	crônica	Rubem Braga	
	O conde e o passarinho	crônica e livro	Rubem Braga	
	Passarinhos	crônica	Rubem Braga	
	Passarinhos e gaviões	fábula	Chico Alencar	
	Passarim	música	Tom Jobim	Tom Jobim
	De passarins	crônica	Clevane Pessoa de Araújo Lopes	
	Passarinhos	poesia	Maria Mercedes Paiva	
	Passarinho	música	Herivelton Martins e David Nasser	Tibagi e Miltoninho, Milionário e Zé Rico
	Meus amigos passarinhos!	poesia	Terê Penhabe	
	Baile dos passarinhos	música	W.Thomas, T. Randall, Edgard Poças	Turma do Balão Mágico, Gugu

Passarinho	Música	Hervê Cordovil, Antônio Nássara	Silvio Caldas	
Passarada	música	Arthur Pessoa, Pablo Ramires, Edy Gonzaga e Léo Marinho	Banda Cabreúra	
Os pássaros	música	Mario Barros	Dante Ramon e Ledesma	
Pássaros do Brasil	música	Lindomar Sales e Rogério Plaza	Marco Brasil	
Pássaro cativo	poesia	Olavo Bilac		
Pássaro azul	poesia	Cecília Meirelles		
Os sonhos e os pássaros	poesia	Lêdo Ivo		
Os poemas são pássaros	poesia	Mario Quintana		
Pássaros	poesia	J. G. de Araújo Jorge		
Pássaro incandescente	música	Lailton Araújo e Natércio Araújo	Lailton Araújo	
Pássaros (e tiziu, bem-te-vi)	Papo passarim	música	Zé Renato e Xico Chaves	Cláudio Nucci e Zé Renato
Pássaros (bem-te-vi, João-de-barro, sabiá, curió etc)	Pássaros cantam na chuva	música	Jovens de Macapá (AP)	Jovens de Macapá
Pássaros (sabiá, bacurau, xexéu, acauã)	ABC do nordeste	poesia	Patativa do Assaré	
Pássaros (patativa, curió, canarinho)	O grito da natureza	música	Jorge Altinho	Jorge Altinho
Pássaros (juriti, jandaia, azulão tié e beija-flor).	Estrada do sertão	música	João Pernambuco e Hermínio Bello de Carvalho	Hermínio B. de Carvalho, Elba Ramalho, Pena Branca e Xavantinho
Pássaros (juriti, rolinha, e outros)	O alvorecer do sertão	música	Rui Grúdi	Rui Grúdi
Pássaros (curió, canário, tié etc.)	Amor Passarinheiro	música	Ibys Maceioh e Jorge Simão	Ibys Maceioh
Pássaros (Pintassilgo, melro, uirapuru etc.)	Passaredo	música	Francis Hime	Chico Buarque
Pássaros (sabiá, bem-te-vi, juriti etc.)	Obras do poeta	música	Vital e Chico Lau	Chitãozinho e Xororó, Sérgio Reis
Pássaros (e pintassilgo, pica-pau etc.)	Matador de passarinho	música	Rogério Skylab	Rogério Skylab
Pássaros (sabiá-laranjeira, Tico-tico, rolinha, juriti etc.)	O canto dos pássaros	poesia	Bento da Conceição	Bento da Conceição
Patativa	O voo da patativa	música	Moreira Paz	Moreira Paz
	Ouçã a patativa	música	João Vilarim e Nico	João Vilarim
	Naquela serra	dança	Cavalo Marinho da Paraíba de Bayeux	Miguel Salú
Pato	O pato	música	Jaime Silva e Neusa Teixeira	João Gilberto. Trio Esperança, Leila Pinheiro
	O pato	música	Vinicius de Moraes e Paulo Soledade	Toquinho e Vinicius

Pavão	O pato cantor	música	Emílio Aragon e Edgar Poças	Turma do Balão Mágico	
	Pato preto	música	Tom Jobim	Tom Jobim, Simone Guimarães	
	Pavão misterioso	música	Ednardo	Ednardo	
	O pavão	crônica	Rubem Braga		
Perdiz	Adeus pavão dourado	dança de roda	Comunidade Bela Vista 2 – Serrinha (BA)	Neuza, Maria José, Barbosa e Maria Dalva	
	O voo da perdiz	música	Renato de Andrade	Renato de Andrade	
Periquito	Periquito-maracanã	música	Registrada por Veríssimo Melo	Madrigal Infantil de Montes Claros	
Pica-pau	O pica-pau	poesia	Patativa do Assaré		
	Pica-pau	música	Domínio Público	Banda de couro de Perinópolis	
Pintassilgo	Pica pau	música folclórica	Helio Sena	Grupo Entradas e Bandeiras	
	Pica pau	música	Domínio público	Banda de Couro de Pirenópolis	
	Pica-pau	poesia	Patativa do Assaré		
	O pica-pau	poesia	João Simões Lopes Neto		
	Pica-pau do campo	ilustração	Claudia Lambert		
	Pintassilgo	ilustração	Claudia Lambert		
	Pomba	As pombas	música	Chiquinha Gonzaga e Raimundo Correa	Zezé Gonzaga, Maria Teresa Madeira (piano)
		As pombas	poesia	José Afonso	
Pombinha branca		música	Paraguassu	Paraguassu	
As pombas		poesia	Raimundo Correa		
Quero-quero	La paloma	música	Sebastião Yradier	Joan Baez, Maria Callas, Bing Crosby, Connie Francis, Pavarotti, Cascatinha e Inhana, João Paulo e Daniel	
	As pombas	livro	Clayton Júnior (recriação)		
	Quero-quero gralha azul	música	Neto Fagundes	Neto Fagundes	
	Quero-quero	música	L.C. Barbosa Lessa	Luely Figueiró	
	Força do sul	música	Salvador Lamberty e João Luiz Corrêa	João Luiz Corrêa	
	Quero-quero	poesia	Regina Ferreirinha		
Rolinha	Quero-quero	poesia	Vargas Neto		
	Quero-quero	poesia	Rangel Alves da Costa		
	Quero-quero	poesia	Thales Teixeira		
	Rolinha do sertão	música	Mirandella e J. Rezende	Bahiano	
Rouxinol	Rolinha	música	Joubert de Carvalho	Gastão Formenti	
	Rolinha cabocla	música	Raul Torres e João Pacifico	Daniel, Tião Carreiro e Pardinho	
	Ingrata Rolinha	música	Donizete dos Santos e Maria Miron	Zico e Zeca	
	Rolinha correio	dança caterête	Raul Torres	Zico e Zeca	
	Rolinha minha saudade	música	Luiz Vieira	Luiz Vieira	
Rouxinol	Rolinha fogo pagô	música	Luiz Vieira	Luiz Vieira	
	Meu rouxinol	música	Pereira Mattos e Mário Rossi	Dalva de Oliveira	
	O rouxinol e a rosa	música	Fátima Guedes	Fátima Guedes	
	Canção do rouxinol	música	Carlos Santorelli	Carlos Santorelli	
	O rouxinol e a rosa	música	Paralamas do sucesso	Paralamas do sucesso	
	O rouxinol e o ancião	poesia	Patativa do Assaré		
	Ruge ruge rouxinol	música	Dontroncho, Ricardo Uchoa e Valença.	Alceu Valença	

	Rouxinol	música	Flavio Venturini e Ronaldo Bastos	Flavio Venturini
	Rouxinol	música	Maria Dapaz	Maria Dapaz
	Que brote enfim o rouxinol que existe em mim	música	Benito de Paula, Mario Brandão Carneiro.	Benito de Paula
	Eterno rouxinol	música	Abel Silva e Sueli Costa	Sueli Costa, Cauby Peixoto
	Ciciuci, cantava um rouxinol	música	Saverio Seraceni e Ettore Minoretti	Cauby Peixoto
	O canto do rouxinol	música	Zé do Rancho	Chitãozinho e Xororó (Instrumental)
	O rouxinol e o ancião	poesia	Patativa do Assaré	
	Passarinho (rouxinol)	música	Francisco Elion e Airton Ramalho	Francisco Elion e Airton Ramalho
Rouxinol (e beme-te-vi)	Casinha pequenina	música	Autor desconhecido	Silvio Caldas, Nara Leão
Rouxinol (e sabiá, beija-flor, sanhaço)	O canto do rouxinol	música	Caxiado	Irah Caldeira
Sabiá	Sabiá	música	José Barbosa da Silva (Sinhô)	Mário Reis
	Sabiá	música	Geraldo Azevedo	Geraldo Azevedo
	Sabiá	música	Pixinguinha, Donga, João Pernambuco	Idem que formaram o grupo Caxanga
	Sabiá	música	João do Vale, Luiz de França e José Candido	Irene Portela
	Sabiá lá na gaiola	música	Hervê Cordovil, Mário Vieira	Carmélia Alves, Luiz Gonzaga, Adelaide Chiozzo
	Sabiá	música	Maurício Tapajós e Joaquim Cardoso	Clementina de Jesus
	Sabiá	música	Luiz Gonzaga e Zé Dantas	Luiz Gonzaga, Geraldo Azevedo
	Sabiá	música	Mirabeau Pinheiro e Milton de Oliveira	Jorge Goulart
	Sabiá	música	José Gama de Souza	Duo Guarujá
	A majestade, o sabiá	música	Roberta Miranda	Roberta Miranda, Jair Rodrigues, Chitãozinho e Xororó
	Sabiá me faz chorar	contradança	Cornélio Pires	Antônio Godoy e esposa
	Sabiá	poesia	Antônio Manoel Sardenberg	
	Sabiá cantador	música	Alvarenga	Velha Guarda da Portela
	Sabiá vaidoso	poesia	Patativa do Assaré	
	Sabiá triste	música	Raul Torres	Raul Torres e seu conjunto
	Meu sabiá	música	Rubens Leal Brito Carlos Poyares	Carlos Poyares e flautistas
	Meu sabiá	música	Raul Silva	Benedito Lacerda
	Sabiá lá na gaiola	música	Hervé Cordovil e Mário Vieira	Carmélia Alves, Adelaide Chiozzo
	O canto do sabiá	música	Altamiro Carrilho	Altamiro Carrilho
	O canto do sabiá	música	Zé Alves Jr., Antônio D. Rabelo	Luiz Gonzaga
	Meu sabiá	música	Walmir Serpa	Walmir Serpa
	Meu sabiá	cordel	Organizadores Civis (Buritana)-	Organizadores Civis (Idem)
	Morreu meu sabiá	música	Paraguassu	Paraguassu

	Sabiá	música	Tom Jobim e Chico Buarque	Tom Jobim, Chico Buarque, Quarteto em Cy, Elis Regina
	Sabiá coleira	música	Piã Carreiro e Mulatinho	Idem
	Sabiá-laranjeira	música	Milton de Oliveira e Max Bulhões	Patrício Teixeira, Pery Ribeiro, Nara Leão
	Sabiá mimoso	música	Joubert de Carvalho	Gastão Formenti
	Eu e o sabiá	música	Rick e Renner	Rick e Renner
	Sabiá-laranjeira	música	Valito e Zé do Cedro	Zé do Cedro e João do Pinho
	Canção da lua nova	música	Rubinho do Vale e João Evangelista	Rubinho do Vale
	Sou seu sabiá	música	Caetano Veloso	Caetano Veloso, Marisa Monte
	Sabiá me faz chorar	contradança	Cornélio Pires, Antônio Godoy e esposa	Antônio Godoy e esposa
	Terra das palmeiras	música	Taiguara	Taiguara
	Baião da Garoa	música	Luiz Gonzaga	Luiz Gonzaga
	Sabiá da mata	música	Ivan Bulhões e Jacinto Silva	Jacinto Silva e Silvério Pessoa
	Meu sabiá	poesia	Cleide Canton	
	Canto do sabiá	poesia	Silvia Schmidt	
	O sabiá	poesia	Augusta Schimidt	
	O sabiá e o gavião	cordel	Patativa do Assaré	
	Um ser de luz	música	João Nogueira, Paulo César Pinheiro e Mauro Duarte	João Nogueira
	Canção do exílio	poesia	Gonçalves Dias	
	Minha terra	poesia	Casimiro de Abreu	
	Canção do exílio	poesia	Casimiro de Abreu	
	Um dia depois do outro	poesia	Cassiano Ricardo	
	Nova canção do exílio	poesia	Carlos Drummond de Andrade	
	Uma canção	poesia	Mario Quintana	
	Canção do exílio	paródia	Luis Martins	
	Exílio da canção do exílio	poesia	Adriel Gael	
	...Ao sabiá	poesia	Leonilda Hilgenberg	
	O sabiá e o rouxinol	poesia	Valeriano Luiz da Silva	
Saíra	Saíra de sete cores	livro	Débora Kneittel	
Saracura	Saracura	poesia	Simões Lopes Neto	
	Saracura Três Potes	música	Téo Azevedo e Cândido Canela	Tonico e Tinoco
Seriema	Siriema de Mato Grosso	música	Mario Zan e Nhô Pai	Idem, Nalva Aguiar, Inezita Barroso
	Seriema do campo	música	Renato Andrade	Renato Andrade, Marcelo da Viola e Ricardo
	Siriema do cerrado	música	José Fortuna e Paraíso	João Paulo e Daniel
	Mato Grosso Rico	música	Paraíso e Tinoco	Tonico e Tinoco
	O poeta Patativa e a sariema de Totelina	poesia	Patativa do Assaré	
Tangará	A lenda dos tangarás	música	Braguinha	Braguinha (violão e vocal)
Tico-tico	Tico-tico	música	Sérgio Cassiano	Sérgio Cassiano
	O Tico-tico e o chupim	música	Leo Canhoto e Robertinho	Leo Canhoto e Pardinho

	Tico-tico mapeou	música	Pepeu Gomes, Luiz Galvão e Moraes Moreira	Novos Bahianos
	Tico-tico no aipim	música	Gereba e Eliezer Setton	Gereba
	Tico tico vuô	música	Paraguassu	Paraguassu
	Tico-tico veio de Minas	música	Zequinha Torres e Alvarenga	Zequinha Torres e Alvarenga
	Tico tico e o gavião	música	Paraguassu	Paraguassu
	Chovendo na roseira	música	A. Carlos Jobim	Elis Regina, Gal Costa, Jane Duboc
Tico-tico (e sabiá)	Lero-lero	música	Cacaso e Edu Lobo	Edu Lobo
	Apanha a laranja do chão tico-tico	capoeira	Grupo Capoeira de Angola	Grupo Capoeira de Angola
Tico-tico, (e bem-te-vi, azulão)	Velha mangueira	música	Chico de Abreu	Chico de Abreu
Tuim	História triste do tuim	crônica	Rubem Braga	
Tuiuiú	A canção do tuiuiú	música	Marinella Graça Mello	Turma do Pererê
	Coração pantaneiro	música	Sérgio Reis	Sérgio Reis.
	Alma pantaneira	música	Leo Almeida	Leo Almeida
	Lembrança do Mato Grosso	música	Carlos Silva e Sandra Regina	Carlos Silva
	Samba enredo 2001	música	Augusto, José Carlos Saara, Rocio Filho e Nêgo	Salgueiro
	Curumim lê lê	música	Robertinho de Recife	Mara Maravilha
	Da terra do tuiuiú	música	Rangel Castilho	Rangel Castilho
	Tuiuiú Jaburu	música	Geraldo Espínola	Geraldo Espínola
	Canção do tuiuiú	música	Abel Silva e Sueli Costa	Sueli Costa
	Premonição	música	Roberto Menescal e Paulo Cesar Feital	Roberto Menescal
Tico-tico (e sanhaço, curió etc)	A passarinha-deira	música	Guinga e Paulo César Pinheiro	Guinga, Fátima Guedes
Uirapuru	Uirapuru	música	Waldemar Henrique	Waldemar Henrique, Inezita Barroso, Jane Duboc, Maria Helena C. Cardoso
	A lenda do Uirapuru	poesia musicada	Rui de Carvalho	Rui de Carvalho
	Uirapuru	pintura	Rui de Carvalho	Rui de Carvalho
	Uirapuru	poesia	Humberto de Campos	
	Uirapuru	poesia	Cícera Maria	
Urutau	Urutau	música	Lamartine Babo	Inezita Barroso
	Urutau	poesia musicada	Rui de Carvalho e Ruy Quaresma	Rui de Carvalho
Vira (e tico-tico, periquito, papagaio, tangará)	Vira (no meu quintal)	música	Renato Teixeira	Renato Teixeira
Zabelê	Zabelê	música	Torquato Neto e Gilberto Gil	Gil, Nana Caymmi, Gal Costa, Caetano Veloso
	Zabelê	música	Catoni e Rosa	Clara Nunes
	Amor de zabelê	música	Anastácia	Anastácia